

Março
de 1970

Publicação
mensal

Estudos

Série M 2

N.º 5

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.^{mos} Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

Psicologia e educação

O AMOR E A SEXUALIDADE

ESTUDOS SOBRE OS EXERCÍCIOS FÍSICOS, OS DESPORTOS E AS «BRINCADEIRAS» E A SUA INFLUÊNCIA SOBRE A SAÚDE FÍSICA E PSÍQUICA

A prática dos exercícios durante a infância — Os exercícios físicos na primeira infância (do nascimento até à segunda infância) — Efeitos dos movimentos, na segunda infância (dos 2 aos 6 ou 7 anos) — Efeitos higiénicos do exercício sobre a segunda infância

AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS QUE PREPARAM O «MUNDO SOCIALISTA» — A IRREALIDADE DAS PRINCIPAIS CONCEPÇÕES COMUNISTAS

O mundo perfeito de uma «humanidade ideal» e o seu antagonismo — Delimitação e luta das classes sociais

O DESENVOLVIMENTO FISIOLÓGICO E PSICOLÓGICO E PROGRESSIVO DA CRIANÇA ATÉ À PRÉ-PUBERDADE

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA
Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Sala C

Est.

Tab.

N.º

Penampla

Penicilina de amplo espectro,
activa por via oral e parenteral

A Penampla representa o regresso da penicilina à posição cimeira entre os antibióticos maiores.

O seu grau de eficácia
comprobativa pode
exprimir-se

em **3** PONTOS
BASILARES

- 1.º — Tão activa contra os coccos Gram-positivos e Gram-negativos, como a Penicilina G e, portanto, mais activa do que qualquer outro antibiótico.
- 2.º — Activa contra a maioria dos germes Gram-negativos em grau, pelo menos equivalente ao dos antibióticos de amplo espectro mais eficazes.
- 3.º — Bactericida, em vez de bacteriostática.

Conclui-se, portanto,
que Penampla constitui o maior dos
'antibióticos maiores'

O seu valor farmacológico
relativo pode deduzir-se

dos **3** PONTOS
FUNDAMENTAIS

- 1.º — É estável no suco gástrico e bem absorvida por via digestiva.
- 2.º — Ao aumento das doses ministradas corresponde aumento proporcional dos níveis sanguíneos. A concentração máxima obtém-se em volta das 2 horas e mantém-se cerca de 6 horas sem decréscimo apreciável.
- 3.º — É talvez de todos os antibióticos o que tem menos tendência a acumular-se nos tecidos.
 - a) A sua concentração na urina é 300 vezes mais elevada do que no sangue.
 - b) A sua concentração na bilis é 300 vezes mais elevada do que no sangue.
 - c) 98 % do antibiótico é eliminado 8 horas após a ministração.

Requisitar literatura ao Laboratório Sanitas

Março
de 1970

Publicação
mensal

Estudos

Série M 2

N.º 5

Director — Dr. F. CORTEZ PINTO

Administrador e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAGAMO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão: Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B — LISBOA

Psicologia e educação

O AMOR E A SEXUALIDADE

Os Drs. Alexandre Lowen e Robert Levin, especialistas de psicoterapêutica, tratam num artigo das «Seleções do Reader's Digest» do problema das condições essenciais à felicidade nas relações sexuais. Em virtude do seu grande interesse, transcrevemo-lo:

«Na sua primeira juventude, as raparigas deparam hoje com problemas, que eram desconhecidos às suas mães quando tinham a idade que as filhas hoje têm. — Há cerca de trinta anos, as raparigas aspiravam ao casamento, porque lhes prometia, entre outras coisas, as alegrias da intimidade conjugal. — Uma minoria de entre elas, na América, admitia que tivessem ligações antes de casarem, sem no entanto porem em dúvida que, para as mulheres, estas relações eram inseparáveis do amor. Mas estavam convencidas que não podiam ser felizes, senão depois do casamento.

Ora, há alguns anos, as certezas do passado, são discutidas e contestadas plenamente; cada vez mais, os homens e as mulheres separam a vida sexual do amor, bem como o amor do casamento. — Um psicanalista célebre, Theodor Reik chegou a afirmar que «o amor e a sexualidade são de natureza e origem diferentes».

Está-se atravessando na América e já vai atingindo a Europa, um clima moral perturbante que cria a confusão nos espíritos de muitas jovens e as levam frequentemente a interrogar-se: — A sua responsabilidade será



atingida por uma simples aventura, puramente física? — O uso dos contraceptivos, permitem hoje a uma rapariga ser tão livre como os homens; que ganha ela em se privar dos prazeres, em respeito a um futuro marido? — Qual é o papel do prazer físico, na felicidade conjugal?

Vivendo em um mundo em que os valores tradicionais se estão demolindo dia a dia, as raparigas procuram instintivamente outros valores capazes de darem à sua vida um sentido e uma estabilidade diferentes.

O Dr. Alexandre Lowen diz que, na sua clínica, se esforça sempre por encorajar as raparigas a seguirem as vias em que tenham mais probabilidades de serem felizes. — «Se uma rapariga quer ser senhora do seu destino, deve ter ideias claras sobre um certo número de pontos, de ordem essencialmente afectiva» — Ela deve compreender que o amor dá o maior valor às relações sexuais, e inversamente. Deve compreender também que a voluptuosidade enriquece o amor, tanto sob o ponto de vista afectivo, como sob o ponto de vista físico e da maneira como ela se ligar à dádiva total que fazer de si, não só antes mas depois do casamento.

Se o acto sexual não for um acto de amor, reduz-se a uma função fisiológica, que nós temos em comum com os outros animais. Dizendo isto, afirma o Dr. Lowen: — eu não tenho a intenção de condenar os nossos instintos, porque o homem é um mamífero e se recusamos admitir a parte animal da natureza humana como fazendo parte da nossa herança biológica, não chegaremos nunca a considerar as relações sexuais, sem sentir vergonha e culpabilidade, seja qual for a profundidade e a pureza do amor que elas exprimem». As relações sexuais, limitadas a si próprias, sentimo-las agradáveis, bem como os outros animais; no entanto nós temos tendência para ver nelas uma expressão particularmente nóbre da natureza humana e acreditar que elas nos dão uma alegria profunda e durável, porque se é humano o desejar unir-se fisicamente à pessoa que se ama, devemos também desejar ter amor à pessoa a que nos unirmos fisicamente, porque isso aumenta extraordinariamente o prazer físico.

Para dizer a verdade, as relações físicas no casamento ou fora dele, se o amor estiver ausente, são um acto físico; nenhum dos dois que nele tomam parte se confunde com o outro; nenhum tem o prazer de levar o prazer ao outro, juntamente com a comunicação da felicidade, nem de satisfazer as suas necessidades «afectivas».

Quando não se ama, o acto sexual acaba por uma decepção, que tem origem no próprio organismo. Devemos salientar que, sob o ponto de vista puramente fisiológico nós não possuímos a voluptuosidade; é ela que nos possui. Ela manifesta-se em nós, em um momento dado, como uma sensação pura, independentemente da nossa vontade. Desde que o corpo não é tomado pelo espírito, o prazer cessa. Vejamos, quais são as bases físicas do problema: — Toda a tensão nervosa provoca uma contracção do corpo e o dispõe para a acção; a ausência de tensão permite-

-lhe, ao contrário, repousar. Quando se está em repouso, o coração bate mais devagar, o sangue afluí à pele e um doce calor invade o organismo. A pele é particularmente sensível ao menor contacto; diz-se que o corpo antecede a voluptuosidade. Mas à mais pequena nervosidade, o coração põe-se a bater mais depressa, o sangue reflui ao corpo, arrefece-se, o corpo retrai-se e a sensibilidade aos contactos físicos diminui; o corpo toma uma atitude de defesa contra a dor.

Devemos notar, o que é importante, que estas reacções escapam ao *contrôle* da consciência. Uma mulher pode perfeitamente iludir-se e acreditar amar um homem ou ser amado por ele, o que não impede que, na sua presença ela reaja como se quisesse defender-se. Ela poderá não ser absolutamente consciente e mesmo tomar a sua reacção como excitação, mas se não amar, o seu sangue deixará de afluír livremente à pele e quando o homem que ela crê amar, se aproxima dela, não se sente emocionada. — Talvez ela deseje despertar, por um esforço de vontade, a sensação que lhe foge; ela aperta mais os seus abraços, murmurará frases cada vez mais ternas, mas tudo em vão. Ela procura uma satisfação total, mas não chega a senti-la.

O conhecimento destes factores sobre os fundamentos biológicos da voluptuosidade esclarece a natureza do amor.

É sòmente quando a esperança do prazer nasce espontâneamente no coração, que o espírito entrevê a possibilidade de amar. Como todos os organismos vivos, temos a tendência para fugir à dor e procurar o prazer. Da mesma forma evitamos uma pessoa estranha quando sentimos instintivamente que ela nos pode provocar sofrimento e corremos para a pessoa de quem a atracção misteriosa, suscita o nosso desejo. O movimento que nos atrai para ela, constitui o primeiro passo de uma dança, que será talvez a do «amor». — E isto passa-se assim, tão simplesmente, tão fisiològicamente — e tão magnificamente!

Mas pode acontecer que o ente que desperta em nós o desejo, continui a ser um estranho. Ora, para nós, é difficil amar um estranho!

É então, necessário um certo tempo para preparar o nosso corpo; não esquecemos as lições profundas que nos trouxe a nossa existência, os receios de nos expor aos sofrimentos. Temos dentro de cada um de nós, qualquer coisa que nos adverte que quanto maior for a alegria que se consiga, mais profundo será o desgosto se nós perdermos o que deu o motivo a essa alegria.

Para conquistar a alegria, corremos sempre riscos. Devemos incitar-nos à conquista. Mas, na ausência do abandono confiante que nos nasce de sentirmos o amor e da certeza de que a felicidade de hoje se renovará nos outros dias, o nosso corpo pode não obedecer ao incitamento; pode ter o sentimento de que o prazer se não renovará no futuro e nestas condições ele pode retrair-se, ficar na defensiva e, portanto, incapaz de reagir, sem reticências, ao contacto do outro.

Só o amor, na condição de ser acompanhado de um compromisso real e total, para o presente e para o futuro, leva uma pessoa a dar-se sem reservas e com ardor ao prazer de um momento. Assim, o amor libéra-nos e torna-nos aptos a gozar dos prazeres físicos, que, por seu turno, são uma promessa de uma felicidade durável.

Este compromisso e esta confiança são os verdadeiros fundamentos do casamento. — Quando um homem e uma mulher vivem em conjunto, sinceraente ligados de corpo e alma e decididos a assumir plenamente a responsabilidade, um do outro, então estão casados encantadoramente. Ainda é preciso notar que, apesar da evolução que se tem dado na sociedade moderna, sob o ponto de vista da sexualidade, a maior parte das jovens e um número maior dos jovens, sentem mais do que se crê normalmente, a absoluta necessidade para atingir uma felicidade física total, a segurança que traz o casamento.

E este sentimento é natural. — Desde a sua infância que se ensina às jovens — o «medo» e a «vergonha» — que são os principais argumentos para lutar contra os seus impulsos naturais. Inibidas fisicamente, como elas o são, não é de hoje para amanhã, nem em uma semana ou em um mês, que elas se podem liberar. Dominar-se é uma força da vontade, mas operar um movimento contrário, escapa à vontade; o tempo, a segurança e o amor, são os elementos indispensáveis para que se opere espontâneamente esta transformação íntima.

A mulher é feliz quando se liga com um único homem, ligados por um sentimento profundo. A mulher que tem vários amantes ou maridos, é como um filho que muda várias vezes de pais; esta criança sabe que um amor limitado, nada significa. Frustrada na impressão de segurança que se ama para sempre, procurará uma compensação, empregando todos os meios para agradar e se fazer notar. — Por uma reacção análoga, a mulher que passa de um homem para outro, não chega muitas vezes a tomar a verdadeira consciência de si mesma no plano físico e tem tendência para se considerar como um objecto de apetite.

«Um só homem, um só amor e uma só ligação durável» são as condições ideais da grande expressão sexual da felicidade da mulher, expansão que tem um grande papel na felicidade do homem que partilha a sua vida.

Quando o acto físico se apoia sobre um amor autêntico, a união é completa e a impressão de solidão, comum a todos os seres humanos, vai desaparecendo. O prazer de se sentirem juntos, junto a uma certeza deste prazer se renovar, dá forças para afrontar os momentos de separação, inevitáveis. — O extasi físico inicial transforma-se no coração em um amor sem limites que, muito tempo depois de passado o prazer dos sentidos, comunica a todo o ser uma impressão de harmonia, de calma e de plenitude e segurança felizes.

ESTUDOS SOBRE OS EXERCÍCIOS FÍSICOS, OS DESPORTOS E AS «BRINCADEIRAS»

e a sua influência sobre a saúde física e psíquica

I

Actualmente já todas as pessoas estão convencidas de que os exercícios físicos são indispensáveis para a saúde e que, começados a praticar muito cedo, contribuem para a robustez futura da pessoa. O que é necessário é regular os exercícios físicos, em relação com a constituição física, com a idade e com o sexo, porque os exageros são sempre prejudiciais.

Hoje os conhecimentos médicos sobre a aplicação dos exercícios, isto é, como dirigir cientificamente uma enérgica educação corporal no intuito de formar pessoas sãs, capazes de todas as acções viris, não estão ainda suficientemente espalhados.

O homem contemporâneo, ocupado pela complexidade dos assuntos a que o obriga a sua vida, verifica que é indispensável, para conseguir ter a energia suficiente para fazer face às suas obrigações, que tem de ligar importância à sua saúde física. O excesso de vida cerebral, os hábitos sedentários, a excitação febril da vida actual, sobretudo nos grandes centros, agravada pela instabilidade do momento actual no mundo, faz concluir às pessoas que a existência sedentária e a educação caprichosa que se seguia anteriormente, contribuíam para enfraquecer o homem e para ir dissolvendo a força das próprias sociedades dos homens.

As guerras em que a nossa geração se viu envolvida e o receio de novas convulsões fizeram concluir os educadores da juventude que é necessário convencer os jovens de que a vida espiritual, sem a robustez preparatória dos cuidados físicos, é que lhes dá a energia necessária para a luta pela vida. Os próprios pais e professores não só facilitam mas ainda incitam os filhos e educandos a frequentarem os exercícios físicos, bem como nas associações de Escoteiros e na Mocidade Portuguesa, onde além da educação física se ocupam da formação do carácter, para formarem jovens robustos, tanto nos músculos como na inteligência e carácter.

Por isso nesta sétima série dos «Estudos», vamos iniciar uma nova série de estudos sobre exercícios físicos e desportos. Já na 3.^a série, que está esgotada, nos ocupamos desses estudos, baseando-nos nas maiores autoridades sobre este sector, entre as quais citamos o Dr. Maurice Boigey, director do estabelecimento termal e de tratamentos físicos de Vittel.

Todos estes artigos se ocuparão do desenvolvimento do organismo humano. Como diz o Dr. Boigey, «a adolescência é solidária com a infância e o adulto é um produto da formação do adolescente». Mas convém

subordinar os exercícios físicos, bem como os outros agentes da higiene, a um controle científico. A ciência experimental, nem sempre dá vazão ao empirismo, que foi durante muito tempo, a base dos exercícios físicos e dos desportos.

Quando a ginástica é verificada por um fisiologista, ou por um professor com o respectivo curso, que tem as noções próprias, ela impõe-se aos educandos e populariza-se; a sua prática impõe-se também aos pais, que algumas vezes pensam que o seu filho não tem a robustez necessária para «aguentar» os exercícios; mas eles são feitos racionalmente, inteligentemente, proporcionados à força de cada um e terão como resultado uma saúde florescente, tornando os seus filhos mais elegantes e fortes, física e moralmente.

A prática dos exercícios durante a infância

A prática dos exercícios físicos tem modalidades diferentes, conforme são para:

A primeira infância, o que corresponde aos dois primeiros anos de vida;

A segunda infância, que se estende desde a idade dos dois até aos 6 ou 7 anos.

A terceira ou grande infância (período prepubertário) que começa cerca dos 7 anos e que termina com o aparecimento da «puberdade» (em geral, aos 12 anos nas raparigas e aos 13 anos nos rapazes).

A fase pubertária, que dura dos 12 aos 16 anos nas raparigas e dos 13 aos 18 nos rapazes.

A nubildade ou adolescência, que começa cerca dos 15 e 16 anos nas raparigas e cerca dos 17 anos nos rapazes. Ela marca o fim do período de «grande crescimento».

No entanto, a edificação orgânica ainda se completa posteriormente; o crescimento do vigor nota-se por um notável crescimento da força muscular. Este período, verdadeiramente pode ser considerado como a abertura da «idade adulta». Legitimamente já não pertence à «infância».

Os exercícios físicos na primeira infância (do nascimento até à segunda infância)

Não pensamos que se deva submeter as criancinhas a uma ginástica sistemática. Se examinarmos os movimentos espontâneos da criança e se percebermos que lhes seria agradável auxiliar os seus movimentos espontâneos, o que facilita e activa as suas trocas orgânicas, passaremos depois a despertar neles, exercendo movimentos contrários, as forças de oposição.

Quando, por altura do sexto mês, se esboçam as curvaturas verte-

brais, convém, pelo menos uma hora por dia, deixar a criança livre sobre o solo, em cima de um cobertor, que se deve bater frequentemente, conservando-o bem limpo e, possivelmente, coberto por um lençol lavado; um «parque» limita-lhe o espaço em que poderá rastejar.

Não se deve meter a criança em qualquer saco que a imobilize e atrofie; pelo contrário, deve-se dar-lhe a liberdade de se moverem em cima de um cobertor, mesmo nuas durante algum tempo.

Devem suspender-se, acima do berço, em alturas diferentes, objectos diversos, que a criança se esforçará por atingir, com as mãos ou com os pés. Isto terá como efeito educar os sentidos da criança, ensinar-lhe a agarrar, a raciocinar sobre as formas e as distâncias, a apreciar a resistência, o peso e a temperatura dos objectos.

Deve exercer-se tracções, brincando, sobre as suas mãosinhas e membros, que se farão flectir com muita paciência e suavemente. A mãe não deve manejar a criança como uma massa inerte; ela deve sentir que se auxilia para subir e que se ampara para baixar. Uma criança robusta de cerca de 6 meses, já se pode levantar pelas suas próprias forças; o apoio das mãos maternas só deve servir para a guiar.

A mãe deve imaginar movimentos de flexão e de movimentação amparada, ora mexendo as pernas para a direita ou para a esquerda ou obrigando-as a fazer movimentos de circunducção em volta da bacia; mas 3 movimentos bem escolhidos bastam para a ginástica dos 4 a 6 meses.

Importa que seja a mãe ou o pai ou a ama que dêem a lição, com o tacto e a alegria necessária para que isso represente uma diversão agradável, em que o bebé se diverte; se chora, é que o professor não sabe ensinar e deve parar imediatamente.

Quando a criança cresce e se torna mais forte é preciso dar mais importância e duração à sessão de ginástica. Depois de 6 a 8 meses destes movimentos devem juntar-se àqueles exercícios, sempre úteis, movimentos mais enérgicos e que façam já intervir a vontade, o que se pode fazer movimentando-a, a cavalo sobre os joelhos e aumentando a amplitude dos movimentos.

Efeito dos movimentos, na segunda infância (dos dois aos 6 ou 7 anos)

Durante este período, a criança, menino ou menina, está em pleno crescimento. Tem, acima de tudo, o desejo de ser educada em liberdade, eficazmente protegida, tanto contra o calor como contra o frio e bem alimentada.

Ainda, durante este período, não é conveniente dar lições de educação física. Os melhores terrenos para brinquedos, são as areias das praias ou os relvados de terrenos bem unidos e não de terrenos movediços que,

em geral, estão muito conspurcados; nas praias as crianças cavam buracos, trincheiras e túneis, constroem montes, cidades ou fortalezas; isto pode-lhes ser ensinado pela mãe ou por uma professora, que lhes vai dando lições das coisas e a quem eles se ligam mais, por verem que os «entende»; o prazer de realizar com outros companheiros é muito grande; sobre os relvados, há muitos jogos e brincadeiras que lhes convém e alguns já apreciam os exercícios físicos leves e gostam da sua disciplina.

É uma ocasião para lhes contar histórias, que muito apreciam, e em que se fazem entrar os «gestos de imitação, em que entram os gigantes, que marcham elevando os pés e as mãos, tanto quanto possível, e os anões, que marcham, pelo contrário, numa posição encolhida; podem imitar os cavalos, em círculo, marcando, trotando e passando ao galope; fingem de aeroplanos, em que se inclinam para a frente, tanto quanto possível e para os lados, torcendo o tronco em movimentos de guiar; podem correr como as cegonhas, em um pé só, imitar lutadores de boxe, dando murros, aqui e além, obrigando aos movimentos do corpo, mas evitando magoar-se exageradamente, o que será classificado de «batota» no jogo, que se lhes apresenta como uma «coisa fria»; outra brincadeira é a imitar as ceifeiras, tão curvados quanto for possível, para a frente e para os lados; fazerem de ciclistas, com as costas bem assentes no chão e flectuando as pernas tão completamente quanto for possível, ou de remadores, etc., etc.

Depende da imaginação do educador, que se apresenta como mestre de brinquedos, quase companheiro, e que pode variar muito os exercícios voluntários, que lhes são muito úteis e em que têm sempre grande prazer. Podem fazer, em círculo, exercícios de imitação de todas as profissões e verem quem os faz melhor, o que dá motivos para rir e trabalhar, convertendo o trabalho em prazer.

Não há melhor género de exercícios para as crianças, pois que põem em acção todos os músculos e articulações, fortificam a função respiratória, modulam a voz e habituam o ouvido ao ritmo e à cadência musical; os educadores não devem deixar as crianças cantar em voz de falsete, o que podem fazer ridicularizando-as a rir, no que elas são muito sensíveis; para isso aconselham as cantigas e danças. Há cantigas e danças para os muitos pequenos e para as crianças em volta dos 9 aos 12 anos; se for em casa, no inverno, o acompanhamento com o piano, é muito convidativo e vai regulando a modulação das vozes.

Efeitos higiénicos do exercício sobre a segunda infância

Se se examinar, sistematicamente, em um grande número de crianças, o «índice de vitalidade», que se obtém dividindo o perímetro do tórax ao nível do apêndice xifoideu pela altura, verifica-se que entre os 3 e

os 7 anos, ele é incomparavelmente mais desenvolvido nas crianças, a quem os pais, mais instruídos ou mais inteligentes, deram a possibilidade de lhes darem toda a liberdade nos brinquedos, «bem escolhidos e graduados às suas idades».

Os resultados dos exercícios físicos devem ser considerados, não só sob o ponto de vista do desenvolvimento físico, mas também sob o ponto de vista do desenvolvimento psíquico. Tem-se verificado que, numa mesma família, as crianças educadas em liberdade e sem entraves inúteis, mostram um desenvolvimento psíquico mais rápido e começado mais precocemente; o seu desenvolvimento começou mais cedo do que os dos irmãos que tinham sido educados de outra maneira, limitados na sua actividade física; falavam mais cedo, imitavam os crescidos nos seus hábitos, mais cedo e tinham mais cedo conhecimento das pessoas, dos objectos e dos animais; já comparavam as diferenças de volume e de peso e comandavam mais precocemente as suas necessidades físicas durante a noite.

É sobretudo a partir dos 2 anos que a influência favorável dos exercícios mais se faz sobre o ponto de vista intelectual, o que se pode verificar facilmente, com testes variados. Muitas crianças são mais atrasadas, porque se mantiveram durante mais tempo em um estado sedentário, às vezes durante os primeiros anos da sua vida.

A perfeição progressiva da inteligência da criança está quase sempre em relação com a actividade física que lhe é permitida. As etapas do desenvolvimento do espírito são, na maior parte dos casos, determinadas pelas fases do desenvolvimento corporal que, por seu turno, estão estreitamente ligadas à actividade física.

A memória desenvolve-se, bem como a atenção; a associação das ideias é mais rica e o raciocínio torna-se mais firme, à medida que o vigor físico se acentua. A aprendizagem da linguagem dura menos tempo e a atenção é mais precoce. As crianças, em quem a actividade física foi mais desenvolvida, são mais atentas, olham, prescrutam, procuram ter uma ideia mais nítida, observam, examinam e comparam com muito maior actividade e interesse; às vezes surpreendemo-nos com a rapidez com que aprendem muitas palavras.

Os seus progressos, em todos os aspectos, são rápidos. As atitudes, os movimentos e a marcha, são livres, bem determinados, nada hesitantes. A sua fisionomia é mais expressiva; observam e escutam com interesse e às vezes com paixão, as histórias que se lhes contam e evidenciam uma imaginação precoce, sobretudo nos brinquedos.

Mostrámos já, como os exercícios, durante a mais tenra idade, se reflectem na formação do carácter e desenvolvimento da personalidade futura. Continuaremos estes estudos, desenvolvendo no próximo artigo o estudo dos efeitos dos exercícios físicos durante o «período pré-pubertário» ou «grande-infância». (dos 7 aos 13 anos).

AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARAM O «MUNDO SOCIALISTA»

XVII

A «IRREALIDADE» DAS PRINCIPAIS CONCEPÇÕES COMUNISTAS O MUNDO PERFEITO DE UMA «HUMANIDADE IDEAL» E O SEU ANTAGONISMO REAL

Continuamos a estudar este interessante problema que é muito complexo, estudo que baseamos, como já dissemos, nas investigações feitas pelo sábio Prof. Dingemans, na Rússia europeia e asiática.

No artigo anterior principiámos a estudar os reveladores sócio-dinâmicos da psicologia política, começando pelo problema do «dinheiro», como veículo sócio-dinâmico; a seguir tratámos da relação entre o «capital» e a *personalidade condicionada* e terminámos analisando a «Humanidade futurista e a abolição do dinheiro».

Vamos prosseguir com o estudo, tratando a seguir do problema «constrangimento ou prazer no trabalho», do «automatismo e diversões» e, a seguir, estudaremos a concepção do «Universo perfeito da humanidade *ideal* e o seu antagonismo».

Constrangimento ou prazer no trabalho

Para ser capaz de mobilizar as afectividades com a intensidade a que nos referimos no artigo anterior, a atracção ideal a atingir deve ser proporcional à importância das dificuldades que terão de se vencer actualmente. A não ser que se imagine um mundo inteiramente automatizado, em que os homens são substituídos por *robots* electrónicos, é impossível para um homem eliminar o *constrangimento do trabalho*, mesmo que não fosse mais do que para a fabricação desses *robots*. Ora, para a maior parte dos homens, uma felicidade perfeita seria, acima de tudo, condicionada pela libertação da obrigação de fazer qualquer trabalho, a possibilidade de gozar férias eternas...

A sentença bíblica «tu trabalharás até ao suor da tua testa», apresentava esta função imperiosamente ligada à sobrevivência do homem, como um constrangimento primitivo. Como seria possível ao filósofo ateu Karl Marx poder transformar esta psicologia negativa do trabalho? — É necessário reconhecer a grande habilidade deste economista revolucionário,

para apresentar este problema sob uma forma, não só aceitável, mas que servisse para a sua propaganda.

Psicológicamente falando, na sociedade ideal por ele criada, não haveria diferença entre um trabalhador do campo, ou das oficinas ou dos escritórios e serviços do Estado, que, no seu tempo livre se poderiam dedicar a uma actividade artística ou cultural; por outro lado, um alto funcionário ou um intelectual, poderia repousar-se, cultivando o seu jardim ou consagrando-se, por prazer, a qualquer trabalho manual de artífice. Da mesma forma, um sábio sentir-se-ia igual a um pescador quando se distraísse a pescar à cana ou com outros pescadores, profissionais ou não, ao passo que os profissionais deviam aproveitar as suas férias para viverem como os outros cidadãos e seguirem as conferências de divulgação científica.

Esta teoria era absolutamente «teórica», pois admitia que todos os homens, fossem quais fossem os seus afazeres, têm uma psicologia semelhante, quando realmente, cada um tem os desejos de variar de entretenimento, conforme a sua educação e temperamento.

O *psico-socialismo* ou o «socialismo de classe única» é um pouco comparável ao estado de espírito que caracteriza, em um pequeno grupo, todas as pessoas em férias que fazem parte do mesmo passeio turístico e que se consideram iguais no plano social, seja qual for o meio profissional que lhes permitiu reunir o dinheiro necessário para as despesas da viagem. É a mesma situação de uma pessoa económica que vai poupando durante todo o ano e que tem o prazer de se sentir no mesmo plano dos ricos que fazem parte do seu grupo turístico.

Automatismo e divertimentos

Para assegurar a todos os cidadãos o prazer de desenvolver e evidenciar todas as suas faculdades físicas e intelectuais é necessário facilitar-lhes todo o tempo possível para as mostrar.

Como todas as pessoas sofrem de limitações e de constrangimentos impostos pelo meio em que vivem, só uma produção *teóricamente e inteiramente* mecanizada e automatizada, como já dissemos, seria capaz de os libertar destas situações coercivas que todos sentimos. Ora, a ideologia comunista considera que todos poderão chegar a ter uma «instrução intensiva, em todos os domínios» segundo a máxima «a cada um, conforme as suas capacidades e a cada um em relação com as suas necessidades».

Lenine admitia mesmo que para atenuar as diferenças essenciais entre o «trabalho manual» e o «trabalho intelectual», seria necessário tornar geral e obrigatório o ensino politécnico e o ensino superior, elevar o nível dos conhecimentos e da cultura dos trabalhadores dos campos e

das oficinas até que ficasse igual ao dos engenheiros, dos agrónomos e dos vários técnicos; só assim a mecanização faria desaparecer todas as tarefas não qualificadas ou violentas. O *super-homem* que sairia desta concepção tornar-se-ia polivalente, independente da divisão definitiva, ordenada, do trabalho, ficando apto para mudar de profissão conforme os seus desejos.

Como se vê, o próprio *grande apóstolo* do comunismo, Lenine, mostra que a base para se poder instalar, reside em um mito impossível de realizar em uma sociedade de seres humanos e que, portanto, *uma sociedade comunista perfeita*, não passa de uma teoria irrealizável em uma sociedade de homens e mulheres.

Nesta «sociedade ideal» que alguns fanáticos pretendem realizar, teria de desaparecer o «comércio», porque cada cidadão poderia retirar dos armazéns, dos depósitos, todos os alimentos, vestuário e todos os objectos necessários, cuja necessidade vai aumentando paralelamente com a instrução, o bem-estar e as compensações do trabalho físico ou intelectual. Sòmente (o que é uma condição utópica) não poderia requisitar mais do que lhe fosse necessário e à medida das suas necessidades, restituindo mesmo ao depósito todos os objectos de que já não tivesse necessidade.

São as próprias regras fundamentais do comunismo que demonstram que o «comunismo puro» é absolutamente irrealizável! — No entanto, o programa-base é suficientemente aliciante para preencher as ambições de todos os ambiciosos, sobretudo os mandriões e de os transformar em fanáticos para conquistar uma felicidade teórica... irrealizável, sujeitando-se no entanto às regras mais duras, mesmo dictatoriais, que *consideram* apenas como um período de transição...

O «mundo perfeito» de uma humanidade ideal» e o seu antagonismo

Os «jardins da infância» da «União Soviética» e de alguns dos países *satélites* dão uma versão miniatura dos clubes de brinquedos, em que cada criança, depois de pedir emprestado o objecto que deseja, aprende a repor no seu lugar o objecto que pediu, mas *devidamente escovado ou lavado*; da mesma maneira, quando vai ao bufete ou refeitório, é obrigado a lavar e a limpar a loiça, os copos e os talheres de que se serviu.

Esta concepção de uma humanidade perfeitamente arrumada, liberta de todas as preocupações, além de actuar por necessidade e não por prazer, de um mundo em que cada um tem oportunidade e tempo para adquirir para si próprio todas as riquezas culturais oferecidas ao domínio público, seria um sonho para as consciências de todas as pessoas, tornando-se por esse facto «apolítico».

tos sanguíneos paramorfos, isto é, de indivíduos muito sintónicos, plásticos, maleáveis e com a propriedade de assimilarem facilmente uma

Qual seria o *patrão* que recusaria aceitar e cumprir a missão que lhe fosse destinada, de uma maneira desinteressada se, como compensação, lhe garantissem que continuaria a ter à sua disposição todos os bens materiais de que actualmente goza e que, além disso, teria a garantia de utilizar as diversões que desejasse e que lhe permitiriam gozar a vida nos domínios que as suas necessidades espirituais escolhessem?

Mas para que essa sociedade ideal fosse viável, seria preciso que as ciências biológicas pudessem descobrir processos capazes de fornecer a todos os cérebros uma mesma capacidade intelectual, uma mesma consciência de nível superior para todos os homens e mulheres, as mesmas qualidades morais e, ao mesmo tempo, excluir todas as veleidades de lucro (quase inerente à humanidade), bem como todas as veleidades de abusos, respeito em absoluto pelos direitos dos outros, em suma, criar uma humanidade de homens privilegiados porque, enquanto existirem deficientes mentais, pessoas com caracteres variáveis, nevróticos, pessoas que não tenham uma constituição de predelinquentes ou simplesmente, seres que se arroguem os direitos de um certo complexo de superioridade (o que não é raro). — Um igualitarismo estabelecido nestas bases imaginárias cairia rapidamente...

Por esta concepção, os homens seriam divididos, não em conformidade com os seus bens ou ocupações, mas segundo os seus caracteres e a diversidade dos seus desejos e das suas reacções, diversidade que no homem da nossa época, é muitas vezes camuflada pelo «revestimento social» que lhe confere a sua posição ou a posse ou o manejo do dinheiro.

Como é então que o sonho marxista toma este aspecto optimista? — A resposta vem do facto que, paradoxalmente, em opposição com as revelações que mais tarde nos foram dadas pela *genética* e em opposição com a tese do criminalista Lombroso ou do fisiognomista L. Corman, o materialismo clássico, oposto à aceitação da injustiça natural, que apresentaria um determinismo biológico, distribuidor ou restritivo incontralável das aptidões ou das inaptidões humanas, admitia o meio físico ambiente e a educação, conjugados, como os únicos factores responsáveis pela formação dos caracteres.

Além disso, esta filosofia ensinava a transmissão hereditária dos caracteres biológicos e fisiológicos adquiridos. Poder-se-ia então fazer de um homem, o que se quisesse se, desde o nascimento, a pessoa se impregnasse do clima moral e educativo de um meio mais favorável. Desapareciam os *criminosos-natos*; os homens desembaraçados das doenças, das intoxicações e da miséria, desenvolver-se-iam em um plano de igualdade que poderia atingir o fim de um *destino único*.

Sabemos que os meios eslavos e germânicos, nos seios dos quais se criaram e desenvolveram as concepções comunistas que, com uma pro-

paganda tenaz e inteligente, se espalharam por todo o mundo, são caracterizados por populações com uma grande percentagem de temperamengrande variedade de géneros de vida. A sua polivalência natural era um factor favorável a uma concepção que atribuisse uma predominância à influência construtiva do meio ambiente e, tanto os alemães como os eslavos, estão convencidos de que têm as qualidades necessárias para modelar uma *super-raça-humana*.

Um erro de muitos *sociólogos teóricos* é o de concluírem por uma «teoria» que desejariam converter em uma «doutrina» e que no seu orgulho intelectual, explicável, verificassem que era aceite por todo o mundo; ora, «todo o mundo» é composto por indivíduos de cores diferentes, raças diferentes, constituindo grupos em condições climáticas diversas; esta diversidade faz com que o conjunto físico-psicológico de cada um seja diverso do do outro e, mesmo dentro da mesma raça, as pessoas divergem em psicologia e concepção; não é necessário sairmos da Europa para verificarmos as diferenciações psicológicas particulares aos grupos de homens que a compõem. A concepção do super-homem ou da raça superior é própria de todos; o que necessita é de criar a sua realização, quando estas circunstâncias a possam favorecer.

A França de Napoleão criou uma superioridade militar e mental nos franceses, que originou a vontade de conquista de todo o mundo. O imperialismo russo levou à conquista de uma região extensíssima dos Urais até ao Oceano Pacífico; o nazismo tornou-se uma força tão grande na Alemanha, que a impeliu para a ambição de conquistar todo o mundo; isto era tanto mais fácil, quanto os alemães se consideraram e ainda muitos consideram, uma raça eleita (*até Deus estava com eles — Got mit uns*). Este conceito levou-os até à loucura de quererem conquistar o mundo e, como se diz que «Deus dementa os que quer perder», principiaram por dominar e acabaram por uma derrota completa; mas o estado psicológico não se modificou completamente...

Os russos, como eslavos, também chegaram à convicção de que eram de uma super-raça, a quem cabia a tarefa de transformar o mundo; chegaram a atingir uma fase muito importante, mas como os chineses pensam da mesma forma e têm, há cerca de 150 anos, a ambição de também conquistarem o mundo e ainda acicatados pela situação de inferioridade e humilhação, que sentiram durante mais de 100 anos, estão ainda a tentar realizar as suas ambições... por meio de uma política, ora tortuosa, ora frontal.

Os pretos, ensoberbecidos com a sua ascensão ultra-rápida, querem conquistar toda a África e criaram já um complexo *anti-branco*, que está perturbando o mundo.

E assim vamos atravessando esta fase crítica da luta pela conquista, ou de povos, ou de mercados, política e economia, que tantos desastres estão provocando.

DELIMITAÇÃO E LUTA DAS CLASSES SOCIAIS

Estudámos no artigo anterior o «dualismo polivalente do género humano» e as «psicologias das diferentes classes sociais». Vamos continuar, apreciando um novo aspecto do problema.

Delimitação das «classes sociais»

A definição marxista das «classes sociais» é baseada sobre uma concepção dinâmica, que consiste no papel da produção, circulação e na distribuição dos bens económicos, papel que deveria ser inseparável de uma especificidade ideológica.

Ora, o próprio Karl Marx, nas suas diferentes obras, apresentou muitas classificações que, combinadas entre si, em «classes» e em «sub-classes», poderiam hoje ser apresentadas da maneira seguinte:

1 — *A nobreza feudal*, de origem terrena, ou concedida a título de recompensa, que enobrecia.

2 — *A burguesia*, repartida em burguesia financeira, industrial e comercial.

3 — *A pequena burguesia* (ou classe média) que tinha uma posição ambígua. É composta não sómente por artesãos, pequenos comerciantes, trabalhadores livres ou por proprietários modestos, vivendo dos seus bens e ainda de toda a espécie de empregados e de funcionários, para os quais Karl Marx criou uma classe especial, mais facilmente impressionável e maneável.

4 — *O grupo dos tecno-burocratas militares*. Neste grupo de administradores, fiscais e de intermediários, muito variado, podiam incluir-se também a policia e os militares de carreira e, em alguns países, o clero dirigista.

Ora este grupo pode pôr-se ao serviço de qualquer outra classe social. Esta ambiguidade é posta muito em evidência no estilo empregado em tom patético nos manifestos comunistas, em que a «classe média» é particularmente criticada. Pode mesmo observar-se que, quando se referem às outras *classes*, à nobreza, grande burguesia e mesmo às dos trabalhadores, é com uma significação pejorativa que se referem aos *pequenos burgueses*.

Um dos grandes erros do marxismo foi o de ter alienado, pela violência das suas condenações e ataques, uma massa moderada, de que a importância no mundo moderno, tecnicista e burocrata, tem aumentado muito. O marxismo-leninismo baseou-se sempre na força numérica mundial do «proletariado», quando a evolução da civilização e da cultura, bem como a diversificação dos partidos políticos tem, sobretudo, favorecido esta *classe média* que vai aumentando progressivamente em número e em valor social.

5 — *Os proprietários agricultores*, que se aproximam, cada vez mais de uma «burguesia industrial».

6 — *Os trabalhadores da terra*, divididos em secções, de trabalhadores das suas próprias terras e trabalhadores por conta de outrém.

7 — *O proletariado*, sobretudo citadino, que compreende os trabalhadores da indústria, o pessoal doméstico, os empregados de baixos salários, etc.

8 — *O proletariado inferior* (lumpen-proletariat), verdadeiro sub-proletariado, com fraca capacidade profissional, desempregados geralmente, meio criminosos, prostitutas e toda uma massa de inadaptados, toda uma escória social, sem importância, mas de que o número tem aumentado muito, em paralelo com o gigantismo das cidades.

Examinando os caracteres, estáticos e dinâmicos, destas classes, o seu aspecto demográfico, afectivo, a sua evolução económica, etc., conclui-se que é extremamente difícil considerar uma repartição bipartida e fundamentalmente separatista das classes.

Existem grupos inclassificáveis, tais como as colectividades monásticas ou religiosas (como por exemplo, os Exércitos de Salvação), pensionatos, colónias agrícolas, beneficiários de jogos ou de lotarias, etc., — Para criar uma dualidade imperiosa para a solidez de uma nova doutrina, o marxismo recorreu a uma divisão dinâmica oposta a uma posição estética, isto é, uma «classe revolucionária», oposta à «classe conservadora».

O conceito de uma «classe ideal colectiva»

A arbitragem entre uma sociedade progressista e a sociedade tradicional foi fundada, não sobre a situação material ou económica, mas sobre um elemento psicodinâmico de uma grande força afectiva, que é o factor «opinião», isto é o de um «Ideal do Eu». Este é perfeitamente delimitado pelos caracteres minuciosamente antagonistas de um anti-ideal, de que somente a destruição total poderia assegurar a expressão absoluta de uma única tese, a de uma ideologia tornada capaz de mobilizar todos os interesses, seja qual for a sua diversidade.

Era necessário, pois, criar uma supraconsciência colectiva que devesse levar, teoricamente pelo menos, ao desaparecimento completo de todo o risco, de toda a iniciativa, em conclusão, uma sociedade monovalente em que não houvesse mais nenhum problema para resolver, mais nenhuma incógnita, nem mesmo qualquer acidente a considerar.

Todos estes problemas deveriam ser resolvidos pela Ciência. Ora não é possível pensar a parte possível ou a parte de utopia, relativas a uma sociedade assim constituída, porque tudo o que antigamente se poderia considerar como *ciência-ficção*, já se encontra hoje largamente ultrapassado. À *era industrial* pode suceder-se uma *era cibernética*,

dominada por «robots» e dirigida por «cérebros electrónicos, fisicamente infalíveis».

Os filósofos gregos já tinham imaginado, o que poderia ser uma «democracia mecanizada», em que as máquinas substituiriam os escravos, os servidores e mesmo os burocratas e funcionários. Máquinas calculadoras podem fazer em alguns minutos, trabalhos que ocupariam milhares de horas de trabalho, e, mais ainda, podem tomar decisões adequadas e mesmo transmiti-las magnéticamente aos cérebros-motores de fábricas inteiramente automatizadas... Os sociólogos já põem o problema da rentabilidade económica de um tal mundo futurista, para calcular se o número de horas necessárias para a fabricação minuciosa dessas máquinas não será superior ao número de horas de trabalho economizadas por esses engenhos! É enecessário igualmente raciocinar sobre os progressos técnicos realizados sobre a composição físico-química de materiais ainda não descobertos e da sua utilização, mas considerar por fim, que um único grão de areia metido na engrenagem poderia comprometer todo o circuito, dando origem a grandes destruições da máquina, ou a provocar ordens erradas, que poderiam comprometer muitas vidas no mundo!

Uma sociedade ideal deveria ser condicionada, não unicamente pela aquisição de uma ciência ideal, de um tecnicismo absoluto, mas também pela formação de «neutralidades ideais», o que é muito mais problemático.

Imitação ou «consentimento voluntário» na luta das classes

A. Jousseau notou que, no antagonismo das classes, «a tendência latente que os homens têm para se revoltarem contra a Ordem estabelecida, sempre que esta constitua um obstáculo contra os seus desejos, só passará aos actos, se as circunstâncias os favorecerem.

Normalmente comprimidos pela dupla pressão das leis penais e a opinião pública, como também por esta forma de pensar que faz preferir um aborrecimento passageiro aos riscos de uma insurreição ou de uma transformação social, as pessoas deixam correr as coisas, a não ser que a pressão e sofrimento sejam grandes e que as esperanças em um futuro melhor, fundadas sobre a destruição do regimen actual sejam tão poderosas que façam desprezar os riscos que se podem correr. *A. Jousseau* nota ainda que a miséria não basta para provocar revoluções e que, muitas vezes, estas se seguem a uma época muito próspera, dentro de uma nação cultivada, civilizada e rica, tal como era a França antes de 1789.

Existe pois um fenómeno socio-afectivo que interessa ao estudo da *Psico-sociologia das Afinidades*, conforme descreve *Maisoneuve*, que nele diz: — «Os nossos sentimentos são muito menos *personais* do que

julgamos; são comunicáveis, muitas vezes contagiosos, se forem observados de perto e sujeitos a um condicionamento *social*, talvez mais importante do que o seu conhecimento *biológico*. Existe em cada cultura um conjunto de normas, que regem a conduta das pessoas, como resultado de certas situações».

No estudo de *G. Dingemans* sobre a «intercaracteriologia» verificou que a tomada de consciência de um «Ideal do Eu», à escala colectiva, é necessário ao condicionamento de um comportamento que ultrapasse os interesses puramente biológicos ou psicológicos individuais, para participar a um grande movimento combativo, eventualmente perigoso ou mesmo fatal para a sua própria segurança.

Um tal estado de espírito, capaz de dar a uma mentalidade uma prioridade sobre as necessidades naturais e egocêntricas, não é realizável senão pelo processo da «sugestão» feita com a autoridade e o saber de um «mestre ideal». Este último, favorecido pelas observações conjugadas de predecessores (que ele mesmo pode criticar e combater), será geralmente a única personagem inteiramente consciente do *fenómeno social total*, em presença naquele momento. O exemplo mais característico deste papel, foi desempenhado, na nossa história contemporânea, por Karl Marx, que por seu turno foi fortemente impressionado por Hegel e Fenerbach, mas criticado severamente por Engels, pelo socialismo de Saint-Simon ou de Robert Owen, classificado como «utópico».

As alienações sociais

O comportamento exprimido, ou pelo «mestre instigador» ou pela massa impregnada por esta nova consciência, será condicionado pela resultante de muitas alienações, com as quais os próprios marxistas deviam contar. Damos a seguir os principais factores, indicados por vários autores, entre os quais G. Gurvitch:

1 — *As ilusões colectivas ou mistificações*, que dependem sobretudo da mentalidade própria de uma classe, as opiniões e os juízos conscientes.

2 — *As ilusões colectivas ou mistificações* que dependem da acção dinamogénea dos meios de persuasão, de propaganda, de «slogans», etc.

3 — *As interpretações das situações sociais*, a partir dos valores morais, políticos, religiosos ou filosóficos, que implicam uma tomada de posição justificadora.

4 — *As doutrinas elaboradas* para a justificação de uma posição.

5 — *As ciências humanas*, particularmente as sociais, quando em relação com os acontecimentos.

6 — *O conhecimento filosófico*, quando comanda uma «adopção».

7 — *As religiões*, consideradas pelos autores, como crenças não verificadas.

8 — *Os sinais e os símbolos* capazes de fixarem as angústias ou as aspirações de uma classe.

9 — *Os mitos e as utopias*, que atingem a imaginação por vias afectivas, que ultrapassam a realidade concreta dos factos sociais.

10 — *As ideias e os valores*, considerados ultrapassados em face das *novas situações*.

11 — *A alteração mental* provocada pela não-consciência de uma mudança de condição tal, como exemplo, o facto de continuar a reivindicar direitos, reivindicação agora inútil ou paradoxal.

12 — *As condutas inadequadas a uma situação* com que se depare.

Estes diferentes factores são geralmente concretizados por uma ideologia que não deveria existir apenas em princípio, senão como «um sistema filosófico» que considerasse as ideias por si próprios e não pelas suas aplicações. Quando uma *ideologia* interessa a opinião pública e a comanda, graças aos mecanismos colectivos da «sugestão-imitação», pode ser sujeita a deformação ou mesmo a uma completa transformação, dominada por uma «psicologia das multidões», que condiciona um comportamento que já não está em acordo com a ideologia primitiva, mas sim com uma libertação da frustração ou, simplesmente de interesses individuais.

É a razão por que a maior parte das manifestações públicas têm uma tendência para ultrapassar os seus fins ou se afastarem deles. Um «apelo às armas» é sempre perigoso para o responsável, susceptível de defender uma causa justa, mas a quem será atribuída a direcção de acontecimentos, mesmo graves, que ele nunca teve em mente e dos quais muitas vezes discorda ou mesmo reprova.

Um mestre, um dirigente de homens, desde que passa a um ídolo, torna-se também tão escravo do seu povo, que não pode contrariar as suas aspirações, razoáveis ou não, porque corre o risco de passar a ser considerado como traidor. O comportamento dos «guardas-vermelhos», amplificado à escala do gigantismo chinês, oferece o exemplo mais absoluto do procedimento irredutível das massas.

No próximo artigo estudaremos os mecanismos psicológicos condicionados pelos diferentes reveladores socio-dinâmicos.

CURIOSIDADES

Aforismos de um médico — (Prof. Ulisses Lemos Torres, de S. Paulo)

- O que é que o homem pode e Deus não pode? — Fazer maldades.
- Antigamente media-se o valor de um homem pelo número dos seus amigos; hoje em dia pelo número dos seus inimigos...
- O retrato de um homem em vida é feito pelos seus defeitos; depois de morto, pelas qualidades que teve ou que deveria ter tido.

O DESENVOLVIMENTO FISIOLÓGICO E PSICOLÓGICO E PROGRESSIVO DA CRIANÇA ATÉ À PRÉ-PUBERDADE

Temos tratado em vários artigos, de vários aspectos psicológicos tendentes a uma compreensão mais perfeita, por parte especialmente, dos pais e dos educadores, sobre a psicologia da criança, nas várias fases do seu desenvolvimento. Há pouco tempo vimos um artigo de *Tanneguy de Quénetain*, publicado nas «Realités» e transcrito no «Diário Popular», que julgamos ser de muito interesse e que, por isso, transcrevemos, com a devida vénia, daqueles jornais:

Os especialistas dos problemas da infância, psicopedagogos, pediatras e psicanalistas, distinguem unânimemente quatro períodos na evolução da criança. O primeiro vai do nascimento aos dois anos. Neste período, que se chama a etapa da descoberta da mãe, apenas as relações entre a criança e a mãe são determinantes.

Vem em seguida o segundo período, dos dois aos seis anos, durante o qual aparece terceiro elemento, que se insere entre a mãe e a criança: o pai. É a etapa da descoberta do pai, que atinge o seu ponto culminante por volta dos quatro ou cinco anos, com a «crise edipiana», de que falaremos mais adiante.

O terceiro período, dos seis aos doze anos, que é o de escolarização; representa a etapa da descoberta da sociedade.

Finalmente, o quarto período, dos doze aos quinze anos, para os rapazes, dos onze aos catorze, para as raparigas. é o da puberdade. Este período caracteriza-se por uma concentração da criança sobre o seu mundo interior: é a etapa da descoberta de si mesma.

A criança desconhece a mãe — A descoberta da mãe exige, normalmente, oito meses. Até aos três meses, a criança, que vive uma vida puramente vegetativa, está mergulhada num universo indiferenciado, no qual nada se destaca, nem mesmo o rosto da mãe. Por isso, não tem, praticamente, necessidade da mãe, mas de alguém que a ame.

Segundo o professor Mucchielli, o primeiro sorriso, que se manifesta entre a oitava e a décima segunda semana, revela que a criança identificou o rosto humano sem, no entanto, distinguir o da mãe do das outras pessoas.

Em seguida, a criança começa pouco a pouco a diferenciar os rostos, e, aos oito meses, isolou definitivamente o rosto materno. Reconhece-se isso pelo facto de a criança, até então tão sociável, começar bruscamente a chorar quando alguém, que não seja a mãe, a toma nos braços.

No entanto, as relações afectivas da criança com a mãe — ou com o substituto materno — desempenharão um papel decisivo no desenvolvimento psicológico da criança desde os primeiros meses. A psicanálise

revelou que as perturbações psíquicas podiam ter por origem frustrações remontando à «fase oral», isto é, à fase em que a boca é o órgão exclusivo do prazer. A mãe abusivamente protectora, que alimenta e manipula a criança num clima de ansiedade, é tão perigosa como a mãe que a rejeita.

Os psicólogos atribuem cada vez mais a formação de psicoses — isto é, das mais graves perturbações mentais que exigem internamento — às más relações com a mãe nos primeiros anos de vida. A sua causa principal é a impossibilidade de a pessoa atingir a autonomia dos seus desejos. Para poder dizer «eu» é preciso ter sido reconhecido como «tu» pela mãe.

Segundo a escola de Lacan, o primeiro sintoma que revela este reconhecimento manifesta-se por volta dos seis meses, quando a criança, vendo-se num espelho com a mãe, se descobre como uma totalidade distinta do corpo desta. A descoberta do «eu» e a descoberta do «outro» são sempre paralelas.

Todavia, a partir do segundo ano da criança, a mãe deve tornar-se, em certa medida, causa de frustração. Deve começar a dizer «não» e a exigir da criança um primeiro domínio de si mesma.

É esta uma fase que tem muita importância sobre o futuro da criança e das suas relações com a mãe.

Se a mãe não se dominar e não passar a ser, cumulativamente, mãe e educadora, poderá criar complexos para o filho e semeará muitas contrariedades na família.

Para a criança é, evidentemente, uma frustração não ser já autorizada a satisfazer as suas necessidades onde quer que seja, mas é uma frustração necessária e benéfica, desde que se realize um clima de segurança e de amor. Quando este período se vive no drama, pode haver fixação da criança na «fase anual», e isso manifestar-se-á mais tarde pela impossibilidade de separar o prazer do sofrimento, quer seja o sofrimento infligindo a outrem (sadismo) ou o sofrimento autopunitivo (masoquismo)

A criança descobre o pai — Até a criança completar dois anos, o pai apenas desempenha um papel indirecto na sua formação, pela incidência do seu comportamento no da mãe. De resto, até essa idade, a maior parte das crianças chama indistintamente «papá» a todos os homens. O pai representa esse terceiro elemento cuja irrupção entre a mãe e a criança é indispensável para a formação do seu «eu» autónomo.

Sem a presença do pai, o «eu» da criança arrica-se a permanecer fechado numa relação «dual» com a mãe, da qual apenas será o alto-falante. O papel do pai é ser uma personagem «ao mesmo tempo tutelar e exigente, fonte de segurança e de dinamismo» (Mucchielli). Para o rapazinho, o pai é aquele que o inicia no mundo exterior e, pouco a pouco, o separa das saias da mãe.

Pelos cinco anos, estas relações de três — o pai, a mãe, a criança — provocam uma crise a que Freud deu o nome de crise «edipiana» (Édipo)

matou o pai e desposou a mãe). Nesta crise — que é normal —, a criança procura afastar o pai do seu próprio sexo, a fim de se apropriar do outro: psicologicamente, o rapazinho quer ser marido da mãe e a menina, mulher, do pai. Pouco a pouco, a criança apercebe-se de que tal desejo é irrealizável e, então, em vez de querer afastar o pai do mesmo sexo, procura identificar-se com ele a fim de poder, mais tarde, fazer o que ele fez.

A maior parte das nevroses depende da maneira como se atravessou a fase edipiana. As mais frequentes provêm do facto de a criança ter ficado encerrada na fase da hostilidade ao pai do seu próprio sexo e não ter podido atingir a fase de identificação. Há também os casos de identificação invertida (o rapaz identifica-se com a mãe, a menina com o pai), os quais são a principal causa da homossexualidade.

Quando Freud descobriu o problema edipiano fez escândalo por lhe ter dado um colorido sexual. Contudo, é aos quatro anos que a criança descobre o seu sexo e pode sentir prazer em manipulá-lo.

É a «fase genital» do prazer. A criança interessa-se pelo sexo dos outros, pelas diferenças entre os sexos, e faz perguntas indiscretas. A atitude dos pais não deve ser condenatória e convém que, em certa medida, eles satisfaçam a curiosidade da criança. É nesta idade, especialmente, que se pode dar-lhe noções, possivelmente artificiais, mas lógicas, como nascem as crianças, pode dizer-se que, como as galinhas põem ovos, as mulheres põem meninos...

O papel do pai é tanto mais importante neste período dos dois aos seis anos quando a criança, normalmente a partir dos três anos, deve dizer «eu» e «não». As resistências virão de um ou do outro pai, mas são as do pai as mais impressionantes, pois ele aparece à criança como uma espécie de Deus omnipotente, diante do qual todos devem inclinar-se. a sentir o gosto do supérfluo, para preencher as horas que não são indispensáveis à sua manutenção, os seus *lazer*es:

A seguir às horas da acção, vêm as horas do desejo; após se ter realizado a ideia do *bem*, passa-se a desejar a ideia do *melhor*. A única ambição dos seus antepassados, que era o *indispensável* já não chega para satisfazer a sua alma que, insensivelmente, se foi tornando artificial.

Os seus antepassados só tinham a ambição de ter um local seu, onde se recolhessem, ao abrigo das feras e um pouco de pele de animal para se protegerem contra o frio e intempéries. Para comunicarem entre si, contentavam-se com os gritos, urros, vozes roucas, que eram a tradução das suas almas sofredoras. Aos seus descendentes, que já nasceram em horizontes de ideias menos rudimentares, já se tornou necessária a fixação material dessas ideias; as suas representações mentais eram ainda muito confusas, muito fracas, para constituírem um pensamento completo. Só as organizações superiores são capazes de substituírem a *visão real* das coisas pela *visão cerebral ou mental*.

O homem sentiu, depois, a necessidade de exteriorizar as suas ideias.

Desde então, as paredes das cavernas animam-se com imagens evocadoras, de um auroch, de uma rena, de touros, símbolos de lutas, de combates, de triunfos, que exprimem os seus estados de alma naquelas épocas e que lhe perpetuavam a presença das sensações que preocupavam o seu espírito. Cada esboço que nos chega do fundo das trevas das idades pré-históricas é uma carta do misterioso alfabeto em que se escreviam as impressões hesitantes do género humano.

A necessidade de criações artificiais vai-se amplificando com o auxílio da imaginação; enriquece-se gradualmente com lembranças mais vivas, mais coloridas. O homem quando procurava reproduzir as emoções da sua existência, escolhia os seus modelos na natureza; ele peritava, não como ela era, mas como ele a via; traduzia-a; e *foi assim que appareceu a arte.*

A arte, bem como a poesia, só é a transformação da natureza em favor de um ideal; não procura fazer verdade, mas o ideal da beleza com bondade. Daqui resulta uma variedade infinita na expressão do génio artístico das raças, diferenciado pelo mesmo sentimento de sonho, de irreal, expresso por almas muito diferentes.

E o homem passa a estender o seu gosto, do fictício que imaginou às coisas que o cercam. Ele dá novas cores e formas aos seus vestidos, aos seus templos. O seu ouvido torna-se atento na diferenciação dos sons; passa a receber todas as harmonias do universo para as traduzir em ritmos ligeiros, em melodias trágicas ou voluptuosas, por onde se escutam as vibrações das paixões humanas.

Passou a conhecer e, depois sentir, a necessidade do luxo, uma quantidade de coisas, praticamente inúteis, mas que tornam a vida elegante. Para o homem que já sente estas necessidades, a natureza sincera, sem ornamentos é considerada como uma pobreza. O «supérfluo», que é uma herança da civilização e do progresso, passa a tornar-se indispensável. O homem cura-se e envolve-se no artificial; a sede da ilusão, nunca saciada e sempre mais fecunda, condu-lo sucessivamente pelo caminho da arte, para o esboço, para a pintura ou escultura, para a obra-prima. A mesma procura da beleza, agita a negra de lábios e nariz mutilados com anéis ou a mulher elegante que se enfeita com as mais lindas jóias e fura as orelhas para se ornamentar de lindos brincos, que martiriza o corpo com espartilhos e se tortura com massagens e fricções de produtos de beleza, para se tornar mais bela. Juntam-se no mesmo sentimento de procura da beleza emotiva, as pessoas que ouvem as melopeias dos negros, ou as sonoridades sábias e artísticas de Wagner. Dos frescos ingénuos traçados com o silex, sairão as gravuras e desenhos de Picasso, ou os quadros de Rafael, de Teniers, de Malhoa; o cinzel de Phidias sucedeu ao estilete das tatuagens simbólicas. O palácio de Versalhes não é mais do que a caverna, aumentada e ornamentada durante séculos de ilusões e necessidades criadas.

À medida que se alarga o horizonte intelectual do homem, já lhe não são suficientes as palavras pobres e raras e toda a sua maneira de expressão verbal. As ideias novas requerem fórmulas novas. O próprio pensamento parece ter mudado as suas bases simples para mais complexas; habitua-se a palavras sonoras; as ideias apresentadas na sua nudez realista podem chocar os outros e por isso apresentam-se revestidas de uma quantidade de perifrases subtis, de palavras imaginadas para enfeitar ou encobrir a dureza das expressões.

O esforço da literatura é precisamente, de mascarar a brutalidade da ideia simples, natural, dando-lhe formas agradáveis. Os trágicos, os padres e os romancistas têm de bordar um bordado engenhoso sobre um fundo constituído por velhos instintos. A própria filosofia, que procura analisar e determinar as razões dos movimentos do homem, só encontra a emanção invencível e irresistível de impulsão, mascarada da dialéctica, de controvérsias, inundada de dissertações.

O «coração humano», maneira vulgar de exprimirmos o «espírito humano» vibra perpétuamente com as mesmas emoções, mas exprime-as de maneiras muito variadas; as palavras são a máscara do pensamento; marcam uma época grotesca; são os séculos que as vão criando e transformando. Na Idade Média, havia leis e disposições expressas em fórmulas e palavras ingénuas; as expressões das conversas tinham uma forma floreada, preciosa, mas hoje tomaram uma forma mais precisa, um vigor técnico; os grandes pensadores, de quem o nome conquistou a imortalidade foram, sobretudo, transformadores das ideias; encantam-nos pela harmonia da arte com que envolvem os sentimentos primitivos, quando os expõem; os seus discursos ou os seus cantos são o murmúrio embalador, que obriga os homens a chorar ou a sorrir; as palavras variadas, fortes ou esbatidas, da forma mais variada, são o porta-voz da alma imutável. «Prazer» e «dor» são as duas palavras que ditam a vida; o resto não é mais do que palavras graciosas, leves bordados traçados sobre uma tela feita de sensações.

Nos próximos artigos ocupar-nos-emos da convenção que gerou o sentimento do patriotismo que é outra espécie de religião, da filogenia e da influência irradiante do amor, da beneficência e da hipocrisia, das revoluções contra a civilização e da necessidade de sonhar e, com esta série de artigos sobre o homem e as condições que contribuíram para o estudo da formação da personalidade, concluiremos a exposição desta tese, que é útil rememorar para compreender a significação de muitos factos e acidentes na vida que nos envolve.

CURIOSIDADES

• O interesse com que se acompanham os trabalhos da vida, não cansa. O que cansa são as contrariedades.



A NEOCICLINA VITAMINADA

**Satisfaz as 4 condições de uma
boa preparação antibiótica:**

- 1.º — EFICÁCIA — Nível circulante óptimo no plasma.
- 2.º — PREVENÇÃO — Previne as alterações na flora intestinal, pela associação das vitaminas.
- 3.º — COMODIDADE — Permite, com uma só aplicação, uma medicação polivalente.
- 4.º — GARANTIA — Não contém quaisquer produtos conservantes prejudiciais.

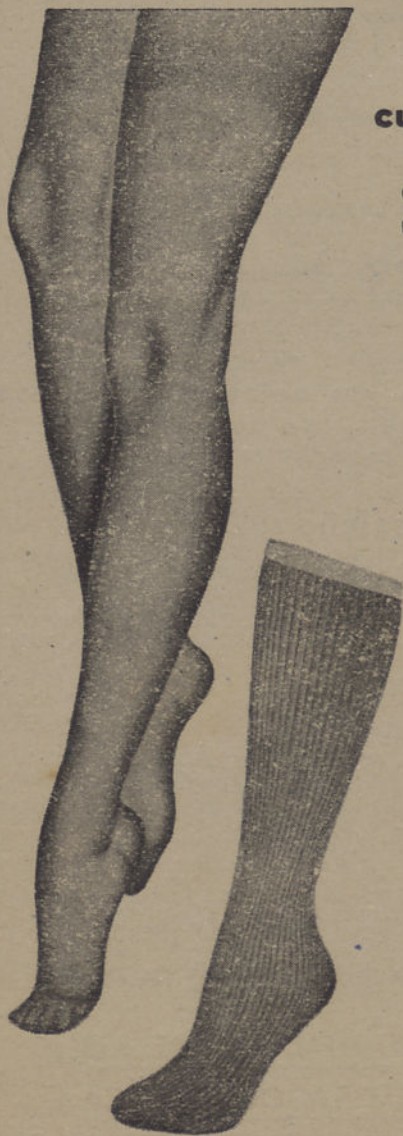
Composição:

	<i>Cápsulas</i>	<i>Suspensão oral</i>
Cl. de tetraciclina	250 mg	1,5 mg
Vitamina B ₁	2,5 »	0,015 g
» B ₂	2,5 »	0,015 »
» PP	25 »	0,15 »
» B ₆	0,5 »	0,03 »
» B ₁₂	1 mcg	6 mcg
Pantotenato de cálcio	5 mg	0,03 g
Ácido fólico	0,375 »	2,25 mg
Vitamina C	75 »	0,45 g
» K	0,5 »	0,003 »
Excipiente com glucosamina	q. b. p. 1 cápsula	—
Pó para suspensão com glucosamina	—	q. b.
Apresentação	Frs. de 8 e 16 cápsulas	Frs. de 60 g

**A NEOCICLINA VITAMINADA PODE SER
PRESCRITA COM INTEIRA CONFIANÇA**

Meias elásticas linha "Futuro"

(fortemente contensivas)



**Preventivas e
curativas das varizes**

dando simultâneamente
um conjunto de elegância

**Para homens:
em 4 cores**

Estas meias e peúgas es-
tão sendo hoje muito
usadas mesmo pelas pes-
soas que ainda não te-
nham varizes.

Muito recomendadas pa-
ra as que praticem des-
portos, para quem repre-
sentam uma excelente
protecção.

*(Descontos especiais para
médicos e revendedores)*

Medicinália

Lisboa — R. Conde Redondo, 74
Porto — R. Santo António, 211
Coimbra — R. Ferreira Borges, 9-1.
Luanda — R. do Carmo, 25
Lourenço Marques — Sanitas